

ASSIGNATURAS	
Trimestre.....	24000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA.

Al pro non enim parvum fluctantes, et commutantes, nisi veri doctrine, in sequela hominum, in actibus ad circumstantiam erant.

(S. Prabh, et Ephesus, Epistolae Cap. V. c. 11.)

Maranhão, 30 de Setembro de 1880

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE SETEMBRO DE 1880.

Ha na historia da humanidade uma pagina negra. Negra, mais negra, do que os crimes do Nero. Nem todas as aguas do Oceano bastariam para lava-la. E' uma epocha de luto, de trevas, de lagrimas, de sangue. E' uma epocha em que nem, em que gargalhau os sacerdotes e os reis:—em que gemem, em que soffrem, em que choram os povos.

E' um barathro essa epocha sinistra. Um abysmo cujo fundo e' um lago de sangue. Uma caverna onde não ha flores, mas —despotas; onde não ha chacacas—mas padres. Alli despedaca-se uma preza—o genero humano: alli erguem-se dois postes de tortura—a monarchia e a Egreja.

A monarchia! A Egreja! Uma que pretende ser na terra a imagem de Deus! A outra—a filha do Christo! Irrição enorme, imenso véo que se lanca sobre a consciencia humana. Monarchias, imagem de Deus!...Padres, filhos de Christo!...Deus, grande Deus, nunca te fizeste representar por feras!...Christo, sublime Christo, tu nunca deste nascimento a algos!

Deus—a synthese das forcas do Universo, Christo—o grande espirito da liberdade. E estes dois nomes sagrados são o broquel atraz do qual se escondem a maldade, a torpeza e a crueldade dos homens! Assim, luz, nos escondes os abysmos de trevas. Assim, sol, nos occultas os espaços immensos do cahos.

Deus e Christo—o consorcio divino da forca com a liberdade. Deus—a unidade no Universo, Christo—a unidade na humanidade. Duas grandezas que serviram de arma offensiva e defensiva aos despotas. O infinito da forca para proteger os tyrannos; o infinito do bem para manter o dominio de uma entidade maldita—o sacerdote!

E tu, humanidade, tu que és a forca intelligente que domina a terra, já não te recordas do que soffreste? Acaso na tua mente desapareceu rapida como fumo sobre essa epocha sinistra? Não te lembrás de teus prantos, de tuas dores, de tuas torturas? Não sentes ainda nos teus pulsos o vinco dos grilhões com que te escravizaram? Não te recordas mais do dogma com que te deprimiram o craneo, com que te vicariaram a razão, essa luz do céo? Ah! depois de noventa-e-trez tu dormitas! julgas-te livre, e deixas que os tyrannos na sombra te preparam de novo cadeias. Humanidade, acorda! Edo somno dos povos que se aproveitaram dos despotas. Acorda, e vem commosso reconstituir as tuas recordações. Faz connosco uma viagem atravez do passado, para que possas saber que epocha os crimes, de miserias, d'infamias, foi essa pagina negra da historia—idade media. Vem!

Estamos em meio do V século. Ha quinhentos annos que Cezar soffocou a liberdade romana. Ha quinhentos annos tambem que Christo expirou pela sainta causa da liberdade. Cezar morrera depois de consummar a sua obra. Jesus expirou depois de fundar o Christianismo. Cezar deixara apoz si imperadores. Jesus tivera uma descendencia de discipulos. Um—apostolo da forca, deixara apoz si o despotismo. O outro—apostolo da humani-

dade, lancara os fundamentos da futura sociedade. E ambos expiraram pela sua causa. Eram grandes demais para poderem sobreviver a suas esplendidas victorias.

E estamos em meio do século V. No rapido volver dos séculos a ideia de Cezar, semelhante a um organismo animal, nascera, crescera, e degenera. Tinha tocado o apogéo d'essa grandeza, cuja base é a escravidão, e pouco a pouco ia delinhando. Esse despotismo romano, essa vasta centralisação de quasi todas as forcas do mundo na metropole dos imperadores, pendia para a sua ruina. Bona depravada, corrupta, não mais tinha a forca de fazer circular a vida, o sangue, n'essa enorme colossa de que ella era a cotação.

A ideia de Cezar ia portanto morrer. Morrer como morrem todas as ideias geradas pelo mal. Ia ter por epilaphio a invasão. Cezar legara aos imperadores o despotismo; estes deram ao povo a corrupção. O povo, escravo e corrupto, perdeu o sentimento da patria. E quando deixamos de amar a terra que nos deu o ser, é que essa terra em breve deixará de ser nossa.

E a grande ideia do Christo? Oh! essa tambem nascera, prosperara e...degeracia. Nos primeiros séculos refugiada nas catacumbas, ella conservava a pureza da doutrina do seu fundador. Era a consolação dos fracos, a barreira posta a vontade dos fortes. Um dia, porem, ella entrou no palacio de um monarcha. Entrou, como pode entrar a pomba no ninho de um abutre. O abutre miliona. Quando ella sahio d'esse palacio nefando já não era a filha divina do Christo. Era o fructo de um adulterio. O amor da humanidade prostituira-se ao da tyrannia.

Quando entrou chamava-se—Caridade. Quando sahio respondia ao nome d'Egreja! E assim estas duas ideias, estas duas forcas contrarias que podiam equilibrar o mundo romano, caminhavam mansamente para o tunho.

A natureza suscitou então um cataclysmo humano. Esse cataclysmo foram os barbaros. Os barbaros matariam a ideia de Cezar. Matariam tambem a de Jesus. A de Jesus? Não:—fal-a-hiam dormir por espaço de quatorze séculos. As ideias tambem dormem na mente humana. O despertar d'esta ideia chamar-se-ha—noventa-e-trez!

O barbaro tinha armas contra Cezar. Só tinha grilhões contra a liberdade.

E a liberdade pode dormir, mas nunca—morrer. A morte da liberdade seria a extincção da especie humana.

E o genero humano não morre.

Como torrente impetuosa que dos picaros das montanhas se precipita, devastando na passagem as planicies por onde s'escóa, uma alluvião de povos septentrionaes baixara sobre o imperio romano. Oriundos da Scandinavia, da Germania, da Sarmatia, dos steppes da Asia Septentrional, estas hordas de barbaros, vinham por meio do ferro, do fogo, do sangue, devastar os paizes da Europa meridional. Impellidos por uma forca occulta, obedecendo não sabemos a que loi mysteriosa, estes homens vinham transformar a face da terra.

Transformal-a? Sim: transformal-a pela barbaria. Estes homens iam devorar uma civilisação. Uma civilisação caedua, mas uma civilisação. A escravidão legal da nação romana elles iam substituir a es-

cravidão que tem por base a conquista. E a conquista de barbaros. A conquista que tem por armas—o incendio, a devastação, e o martirio.

E os barbaros invadiram todo o Imperio. Invadiram-o rapida e convulsivamente. Ninguém se ergueu para repell-os. Houve fraca de feiza: não houve resistencia. O Imperio desmembrara-se no ataque dos corvos famintos. Cadaver enorme as racas do norte já lhe retalhau os membros vegetados.

E onde está a Egreja—a filha do Christo? Onde está ella, a protegida do Constantino, que não vem defender este povo contra a invasão? Onde está ella, que não prega a liberdade ao povo, a liberdade, unica forca que pode salvar-o? Onde está ella, que não galvanisa este cadaver, que não o resuscita, para afastar d'elle esse pesadelo maldito—a barbarie?

Onde está ella? Ah! está na tenda do vencedor! Une-se a elle para devastar. Entrega-lhe o povo, contando que elle lhe entregue a consciencia. A Egreja com Constantino apprendeu a reinar. Senta já o dominio sobre todo o orbe. Ella quer ser universal—Catholica. E para satisfazer sua ambição ella deixa immolar uma nação...

E a idade media nascia do consorcio do barbaro com o sacerdote. Ides conhecer a digna filha d'este matrimonio execravel.

Todo o homem ignorante é supersticioso. E esta uma verdade axiomática.

Os barbaros eram ignorantes. Sua ignorancia foi a arma de que se servio a Egreja.

Apossando-se da Europa meridional as racas do Norte, habituadas a devastar, nenhum meio tinham de conservar o que haviam adquirido. Sabiam conquistar, não—reinar.

A Egreja então apresenta-se e diz:—Acredita em Christo, barbaro, que eu te darei o imperio do mundo. Da-me a tua consciencia, que em direi aos povos que te obedeceram. Sé christão, que eu teouo escravos para dar-te. Remaras na terra que conquistaste. Este povo corrupto e fraco, vendendo por mim sagrado, accoñará os grilhões que lhe apresentares. Tu reinaras, e dar-me-has um lugar ao throno a teu lado.

E assim foi. O barbaro deixou-se persuadir por esta habil eloquencia. Acreditou em Christo, como quem acredita no que lhe convem. Escravos os povos, derramou-lhes o sangue, viveu-lhes do trabalho, e dando á Egreja—sua mestra—o lugar sollicitado, tranquillo adormecer no throno que a forca e a astucia lhe prepararam.

E laes foram as bases das monarchias modernas. Base infame. Base de sangue e de lama. Base que repousa sobre o genero humano esmagado, sobre a consciencia deturpada.

E os reis começaram a reinar por direito divino. Eram sagrados nos templos. O sacerdote começou a dispor de corças. Misturou o nome de Deus em tudo. Metteno no prefacio da lei salica: introduzio-o nas provas judiciaes; envolveu-o nos crimes dos despotas, e fello finalmente servir de pedestal á escravidão.

Mais ainda. Um dia surgiu um bispo que pretendeu valer mais que todos os bispos. Foi o bispo de Roma. Este homem audazmente intitulou-se Vigario de Christo. Sustentou ser o herdeiro de S.

Pedro. Ninguém se lembrou de contestal-o. Todos os povos acceitaram este absurdo. A ignorancia das nações sorvio de título de credito á esta monstruosidade.

E o papa nasceu. Nasceu do absurdo como as larvas nascem do sangue, como os vermes nascem da podridão. Nasceu como nascem as feras—para devorar. E a preza do Papa foi maior que a de todas as feras. Tinha o genero humano para devorar. E a fera tinha um appetite enorme.

E o appetite do Papa foi o maior flagello da idade media.

Os primeiros tempos do Christianismo são obscuros. Obscuros como o podem ser os da infancia de um ideia. Sabe-se que o Christianismo existia, que era uma loi de liberdade, e nada mais. Tudo o que a historia posterior nos apresenta sobre elle ou é falso ou conjectural. Reconstruir o passado do Christianismo seria um trabalho de indução enorme. Ninguém teve ainda animo para mergulhar n'esse abysmo.

O que porém é indubitavel é que n'esses tempos remotos a entidade papal não existia. Pode ser que houvesse bispos de Roma. Papa, porem, não o havia. A ideia de Papa traz em si a ideia de unidade da Egreja, e essa unidade não existio nos primeiros séculos.

O Papa é portanto uma criação da idade media. Só uma epocha de sangue é que podia gerar um tal aborto. Como o monarcha, elle nasceu do feudalismo. E senão veja-se.

O systema feudal, pelos barbaros estabelecido, repousa na seguinte base—Em primeiro lugar os servos—o povo—solt a dependencia um titella dos ares os senhores; em segundo, dos sires, dependentes dos grandes feudatarios; em terceiro, do monarcha que é o cume ou antes a cabeça d'este grande todo social, e a quem os grandes vassallos prestau homenagem.

Olhai agora para a Egreja e ver-thebeis a mesma organização. Em primeiro lugar todos o povo que trabalha para o clero; em segundo o clero, que trabalha para o bispo; em terceiro o bispo que trabalha para o Papa. Confrontai estes dois organismos, e vereis que são exactamente semelhantes. Não digais que a semelhança é fortuita. A historia não reconhece a existencia do Deus—Acaso. Tudo n'ella s'encadeia e se prende.

O Papa é uma criação da idade media. Creação satânica dada á luz pela barbarie. E o encadramento da consciencia, como a monarchia foi o encadramento da forca. So respeitais o direito da forca deveis ser um zeloso defensor do Papa. Vós que amais a escravidão dos musculos do corpo humano, deveis tambem amar a escravidão moral. Amais portanto. Seja o Papa o objecto do vosso amor.

Pasiphae amou a um touro.

O barbaro é o sacerdote são os dois grandes verdugos da idade media. Garraças que as vezes entre si travam lula. Luta que tem por fim a divisão da preza.

E sabeis qual é a preza? É o povo. O povo que fôra conquistado. O povo que fôra reduzido á escravidão. O povo que o sacerdote mantinha na ignorancia. O povo que trabalhava para prover á subsistencia dos seus algosos. O povo que acreditava em Christo, que acceitara o rei, e que respeitava o sacerdote.

E sabeis como vivia esse povo, esse povo productor de todas as riquezas? Ah! não, vós o ignorais! Esse povo vivia sem outro capital, que não o trabalho que seus senhores usufruam. Esse povo vivia sujeito à crueldade, à rapacidade, de seus conquistadores. Esse povo não tinha nem honra, nem dignidade, nem patria. Honra? Não a havia para aquelles cujas fillas tinham que dar as premiações da sua virgindade aos senhores fundadores, aos abbades luxuriosos? Dignidade?—Dignidade ao servo! Pedi às trevas que vos deem luz! Patria? Não é patria a terra em que arrastamos um grilhão!

Eis o que é o povo na idade media. O povo como o fez a conquista, como o fez a Egreja. O povo, que é christão, mas não é livre. O povo, que crê em Deus, mas que respeita e obedece aos reis.

E dissei depois d'isto que a idade media é uma epocha de fecundação. Dissei que todo este sangue, toda esta escravidão, foi uma necessidade. Dissei que o aviltamento da humanidade era preciso para que ella servisse de pasto à monarchia e à Egreja! Dissei que o direito da força foi um bem! Dissei que invocar a Christo para escravizar foi um acto de justiça!

Fecundação, sim, mas que fecundação! A fecundação do sangue, a fecundação da corrupção, a fecundação da tyrannia!

Mas, não! Levai para longe o paradoxo. Para crescer a humanidade não precisava de verdugos! Para medrar—não necessitava de despotas. Para desenvolver-se—não havia mister sacerdotes. Bastava qua a lei do Christo a illuminasse, bastava que repellisse o barbaro, e que matasse o Papa!

Esta seria a unica—a verdadeira fecundação.

Fecundação com sangue! Oh! não escarnejais do governo humano! Fecundai, mas como o Sol fecunda a terra—with a luz!

Em quanto no extremo Occidente todas as nações eram preza dos barbaros e da Egreja, um vulto orgulheu-se no Oriente. Era um homem de genio. Impostor religioso vinha tambem dar uma nova lei. Mais sincero porém de que todos os outros, elle vinha abertamente impolva com a espada. Era um heroe de crueldade—não era porém um hypocrita.

E este homem foi ouvido. A humanidade, sempre propensa ao absurdo, recebeu-o a braços abertos. Aceitou-lhe a religião, e começou a propagal-a pela espada, pelo fogo e pela devastação.

Começou então a invasão arabe—a mára invasão de luz que baixou à Europa. A invasão que trouxe consigo as artes, a sciencia e a civilização.

Ao ataque dos novos inimigos toda a Europa tremeu. Erricam-se os cabellos do Papa. Estalou os sceptros dos reis. Se a invasão dá mais um passo todo o Occidente fica musulmano.

Aparece então um guerreiro. E um homem que aspira a sentar-se n um throno. Quer usurpar, e antes de usurpar elle combate. Este homem repelle a nova invasão. Guerreiro audaz aproxima-se rapidamente do throno.

E o Papa, que tremera, comprimentou a Karl Martel. Esqueceu que o Duque dos Franceses pretendia usurpar os direitos d'aquelles reis que a Egreja sagrara. Fez mais do que esquecer. Foi conivente na usurpação.

E Karl e seus descendentes agradeceram-lhe. Pepino torna o Papa soberano temporal. Além da consciencia da-lhe a terra. Transforma o Papa no mais poderoso dos monarchas.

E não fica aqui a astucia da Egreja. Karl o grande, o filho de Pepino, apossasse de quasi toda a Europa central. O Papa sagra-o Imperador romano. E imperador com a coroa de ferro. Do ferro, que dizem, fora dos cravos do supplicio de Jesus. O que fôra a morte para a liberdade seria a autoridade para a tyrannia.

Nasce o Santo Imperio Romano. Esse Imperio de duas cabeças—Imperador e Papa. Esse Imperio—vergonha de todas

as nações. Esse Imperio, que vai ser o theatro de uma luta—a do monarcha com o sacerdote.

Estava construindo o amphitheatro para o combate das duas forças. O Imperador e o Papa iam bater-se.

Os lobos brigavam pela preza.

Em todos os tempos, o sacerdote tem aspirado ao dominio exclusivo. Forçado ás vezes pela necessidade ha transigido com a força. Transige com ella, ate que possa esmagal-a.

Foi foi a facilia da Egreja. Aceitando na idade media o jugo do barbaro, ella trabalhava surdamente para destruil-o. Aspiração vasta, enorme. Aspiração que tem um nome—Theocracia.

A theocracia era porém de fundação difficil. Os monarchas reagiram contra as pretensões catholicas. Declararam-lhes guerra. Responderam com as armas ás excommunições, humigraram uma resistencia que foi talvez a salvação para a humanidade.

Começa então aqui esse diavello interminavel do monarcha com o Papa. A lica d' este perfil é o Santo Imperio Romano. A Egreja empunha a batalha. Entre seus batalhadores, encontram-se dois homies de grande genio—Gregorio VII e Innocencio III. Estes dois genios do mal conseguem por momentos vencer. Estabelecem a theocracia. Estabelecem-a com detrimeto dos thronos. Os monarchas rajam-se no pó ante o throno do Bispo de Roma.

Haviam sido grandes os males da invasão. Haviam sido enormes os estragos produzidos pelo clero. Fora no sangue dos povos que se haviam ceivado os reis. Fora na ruina das consciencias que se amilhara o sacerdote. A theocracia porém fraz ao mundo novos horrores. Produz males que jamais o inferno se lembroua de gerar. Vem augmentar as misérias dos povos, vem derramar o punco sangue que ainda restava, nas veias da humanidade.

E a theocracia domina. Domina pela astucia. Embrutece o genero humano. Atroxo clarie de luz, do Oriente trazido pelos arabes, é empanado pelas vestes do Papa. E o Papa, que já é grande, o Papa que já forte se sente, senta o pé no pescoço do genero humano.

E a Egreja, que esmagava o povo, humilha-o. Prega-lhe as Cruzadas, e o povo parte a conquista da Palestina. A Europa toda converteria-se n um instrumento da Egreja. Os povos iam conegar a derramar sangue para maior gloria de Deus! Iam invadir, para se apoderar da sepultura de Christo, fuz ser alguzes para respeitar dignamente a memoria de um martyr da liberdade!...

Oh! As cruzadas, essa locutura, esse fanatismo singulario de todas os povos europeos; oh! as cruzadas são o padrao mais vivo do poderio do sacerdote e da abjeção da humanidade!

Matai em nome de Deus, invadi em nome do Christo, ah! este era o prologo d'esse livro medonho—a Inquisição!

E se a Inquisição foi a tortura do genero humano, as cruzadas foram a sua vergonha.

De Gregorio VII até Bonifacio VIII a historia da Egreja foi a do verdadeiro dominio sobre os reis e sobre os povos. Esse dominio porém não podia manter-se. A invasão, de que ella se aproveitara, ia tambem ser o epilaphio da theocracia.

Além nas plagas do Bosphoro um grito havia soado. Era uma nação que morria. E o Imperio Grego expirava. Os turcos iam possuil-o e expulsar seus fillos de seu seo.

Mais uma vez caiu a luz com a renascença. As artes e as sciencias vem regenerar os povos. A santa ideia de Jesus vai por momentos reacudir a lethargia que a invadiu. As repressões do porvir abrem-se. O resado da Egreja caminha para o aniquilamento. A voz da Reforma vai breve estrondar e proteger as nações contra as pretensões iniquas do papado! E a idade media expira.

—Sabeis qual foi o seu epilogo? —Luthero.

—Reindito seja elle que arrancou a preza das garras dos abbades!.....

E é esta idade-media, esta epocha nefanda, que mal vos expozemos, que o sacerdote romano pretende hoje ressuscitar. Andaz ate ao absurdo, elle persegue-se ainda poder no mundo estabelecer uma theocracia infernal.

Depois da Reforma, o padre romano é o mais astuto, o mais cruel, o mais perigoso dos seres; Estuda todos os meios de reinar. Grego o Jesuitismo, a Inquisição, como meios de reconquistar o que perdera.

Noventa-e-trez embaraçou-o na sua marcha. Não lhe natou porém o espirito. O Papa ainda tem appetite—elle ainda quer devorar a humanidade.

Já não tem a falta meza da idade media. Pretende portanto reconstruil-a. Prepara-se já para o bampete, e agua os dentes para esse festin de antipropagago. Oh! não o deixeis proseguir! Olhai para o passado, o tremo do futuro que elle vos quer preparar.

E tu, humanidade, esmagaa-a antes que elle te devore.

Elle que a treva da idade media, mata-a com a luz do serculo XIX!

Atiraa o parasita da grande arvora do appetitecimento humano.

A Egreja Romana e o Clero catholico.

(Continuado do n. 2.)

O compositor recebeu o substantivo *typographia*, que tinha sido empregado pelo illustre papa Clemente VIII para nome appellativo d' esta especie de *maquina*; mas, não reconhecendo o substantivo como palavra latina, serviu-se do adjectivo *typographicus* que não podia ser derivado de outra! Seria a benção invocada tão somente sobre o *perbo*, e havia escrito em a invocar laudem sobre os *typos*!... Semilhante *castro* *uocul* não se combinava com *lanua* *erectilis*...

LEMINI ADIUTATIS TUE DEFENDENDO DESTINATAM.—Se a *nothia* é destinada ao derramamento da luz da verdade, esta luz sobre fim deveria ser denotado pelo gerundio *diffundendum* que é exclusivamente destinado ao fim da acção.

PROFUTURA SENS.—*Profutura* é participio do futuro, e *sens*—variação do *presente*. E como se pode considerar já existentes, para salirent, produções de uma maquina que ainda está passando pelo ceremonial de uma benção para, somente depois, poder funcionar dignamente.

De todo coração desejaria em que a redacção da «Civilização» ecclesiastica cumprisse o digno fim de derramar a luz da verdade; mas a *supplicio* manifesta n' esta redacção de benção não poderia estar mais longe de lhes merecer o conceito da capacidade indispensavel para o desempenho de tão grandiosa missão! Não podendo com isto desanimar-se pelo contrario, continha a manifestar os seus bons desejos, fazendo todos os esforços para isso; mas sempre lhes observo que em nenhum dos Evangelhos se acha, nem que os discipulos de Jesus Christo deviam desertar para Ignacio Loyola, nem que a *cerdade* divina consistia em que os jesuitas pousam usar de artilherias para usurparem, com o dominio universal, não só o pio que deveria ser repartido pelos pobres, mas tambem as riquezas cuja privação pode lançar numerosas familias na penuria;... nem tambem que o lume da verdade divina deva servir para acender as foguetas da inquisição...

DIENDE OFFICIANS IMPONIT TIBUS IN THEATRUM.—Oh! que phrase apenas desculpavel n' uma escola de latim! *Imponit* tem a sua etymologia na preposição *in* e no verbo *ponere*, significando *por* *em*, ou *meter*; exige por tanto um complemento em *oblativo*;... e o compositor entendeu dever dar-lhe um complemento em *accusativo*, dando-lhe um *complemento circumstancial de fim*, em vez do *complemento*

terminal do *logar unde* batava o officiante o incenso!

INCENSAT CURULEM.—Este *incensat* é *latim inaccusativo*, porque do substantivo latino *incens*, que significa *incenso* não deriva verbo algum que exprima a idea concreta de *dar incenso*, ou *dar incenso*, ou *incensar* *incensum*, que significam *incensar* ou *queimar incenso*; e portanto *latim de accusativo de semivocabo*.

INCENSATIONIS PERACTA.—Não havendo em portuguez a palavra *incensario*, mas tão somente *incensadura*, como substantivo, este *incensationis* nem é *latim inaccusativo*, porque, para que o fosse, deveria dizer-se *incensatus*.

Oramus.

«Visita quesivimus, Domine, habitacionem istam, et omnes insidias inimici ob ea longe repelle: Angeli tui sancti habitent in ea, qui omnes hic habitantes, scriptores et operarios, in pace custodiant, et benedictio tua super illos sit semper.»

Benedicte, Domine, domum istam, et sit ibi sanctus, sanctitas, caritas et gloria, longuivitas, bonitas, mansuetudo, benignitas, docilitas, et plenitudo bonis, obedientia et gratificatio vestro Deo Patri, et Filio, et Spiritui Sancto.

Et hinc benedictio sit super hanc domum et hanc istamque domum super omnes habitantes, scriptores et operarios in ea deserventi supplicium vestro Spiritui Sancto. Per Christum Dominum nostrum. Amen.

«Officium mane affligit sanctus incensum in loco apto cubentis, dicendo.»

Signatus salubis incense, Domine super hanc domum, et non permittas introire in eam angelum perverbum. In nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti. Amen.»

Oramus.

«Visita nos te pedimus Senhor, esta habitação, e repelle para longe d'ella todas as cidades do inimigo: habitem n'ella os tens santos Anjos, que guardem na paz todos os que aqui habitam, escriptores e operarios, e a tua benção seja sempre sobre elles.»

Abençoa, Senhor, esta casa, e haja ali sanidade, santidade, virtude e gloria, longuidade, bondade, mansidão, benignidade, docilidade, e complemento da lei, obediencia e acção de graças a Deus Padre, e ao Filho e ao Espirito-Santo. E esta benção seja sobre esta casa e este logar; e sobre todos os habitantes, escriptores e operarios desde n' ella a graca de sete-formas (7) do Espirito-Santo. Por Christo Senhor nosso. Assim seja.»

«O officiante agora prega a santa cruz n' um logar proprio do quarto, dizendo.»

«Põe, Senhor o signal da salvação sobre esta casa; e não permittas que n' ella entre o anjo acoutador. Em nome do Padre e do Filho e do Espirito-Santo. Assim seja.»

Percebe que o aroma do incenso devia despertar, no officiante, novas ideas sobre a importancia da *nothia typographica*, em maiores recessos *angeli percutientes*, porque, contentando-se antes com a visita *Sancti Angeli* (*Domini*), agora já impára tambem a visita do proprio Deus, e, como se ainda fosse um pouco, pedelle tambem que todos os seus *sanctis Angeli* venham habitar na casa, sendo tal a perturbação do compositor, que d' esta vez esqueceu-se de escrever *sancti* com a inicial maiuscula!

VENIRE, DOMINE, DOMUM ISTAM.—O adjectivo, ou pronome (pois em latim emprega-se de ambas as maneiras) *iste, ista, istud*, devese somente usado nos casos em que os substantivos, a que se referem, por alguma acção,—motivo,—causa—ou circumstancia, se tornam *exceptiones*. Sob este ponto de vista eu, fallando em latim da presente benção, diria tambem *sta benedictio*, porque é realmente *exceptionalis*, a força de original; mas que se diga tambem *istam domum*, ou *istam nothiam typographicam*, quando depois de tantos *sanctis* existirem casas, e depois de alguns já existirem tambem *typographias*... isto só pode ser feito por quem nunca na sua vida pode ter idea do que são *typographos*, para que possam possar pelo menos suscipiar que ha differença entre *hic, hinc, hoc, —is, ea, id, e—iste, isto, istud!*

Orémas.

Omnipotens, sempiternus Deus, qui in omni loco dominatus...

Orémas.

«Deus omnipotente, sempiterno, que em todo o lugar do teu domínio assistes inteiro...»

Nas orações precedentes finda-se manifestado o recio de ataque de fora, e pedia-se a Deus que enviasse dos céus um anjo para guardar, — aquecer, — proteger, e finalmente — visitar e defender os habitantes d'esta abençoada casa da machina typographica...

Devo tambem observar que traduzi scriptum por sermão, porque presunha que era esta a idea do compositor, que, por ignorancia, empregou scriptum per officium...

O egoismo christão.

Foi uma nobre e generosa aspiração a igreja christã primitiva, a de reunir todos os povos da terra em uma só creança, uma só doutrina, n'uma palavra em uma só religião.

Por este desejo, que nunca pôde realisar, é que a igreja de Christo intitulou-se catholica.

E no correr dos seculos, quanto mais se afastava a igreja da sublime moral do seu fundador tanto menos universal se tornava; a ponto de, depois do 5.º seculo, achar-se constituída em secta e totalmente transformada em simples partido politico.

Muito tempo antes do pontificado de Gregorio 7.º a igreja dirigia as consciencias, satisfazendo as intelligencias, por isso foi iminentemente civilisadora, tornando-se d'esta epocha em dinastia simplesmente politica, e iminentemente retrograda.

A sua generosa aspiração converteu-se em um circulo mesquinho de secta, beatificando os reis que lhe prestavam apoio, destruindo aquelles que se oppunham ás suas ambiciosas aspirações, até que collocou o cado de S. Pedro no lado do sceptro dos reis; a confusão dos dois poderes temporal e espirital no papa infallivel.

Para provar a estreiteza de vistas da igreja romana basta examinar-se o calendario christão; no qual só se encontram nomes dos que directamente prestaram serviços a causa da secta, sem contar um só dos grandes vultos que em outras eras serviram a humanidade; rompendo por isso com todo o passado

glorioso da humanidade, não dando lugar nessa apothecose social senão aos seus sectarios.

Os grandes vultos, da civilização primitiva, não tiveram um lugar n'essa commemoração dos mortos. Socrates, Platão, Aristoteles, Tito-Livio, Virgilio, Scipião, Cezar, na civilização Grego-Romana; Abraham, Moyses, Elias, São Cyríano etc.; uma maioria de frades ignoras e fanaticos, e mulheres hystericas e malvadas. De modo que os grandes homens do passado foram substituidos por um S. Pateracio, um S. Pedro de Arbois etc.; frades cujos unicos serviços a causa publica consistia em pedir esmolas e distribuil-as com os pobres, ou mostrarem-se fanaticos, sanguinarios, mudanos e devassos como este ultimo.

Um exemplo esclarecerá melhor: Santa Clotildes, uma das melhores santas da igreja, era filha de Cluperico, rei dos Borgundinos, que foi assassinado, com mulher e filhos (menos duas filhas, Clotildes e outra de quem não falla a historia) pelo irmão mais velho Gondobaldo. Este pretendendo a aliança do rei Franco, Clovis, deu sua sobrinha Clotildes em casamento ao rei pagão. «Porem, o etio não conhecia bem esta sobrinha que vos padres chamarão santa Clotildes; nenhum espaço de tempo, nenhuma reconciliação, nenhum beneficio podia desrespeitar de seu coração o odio que havia concebido. O casamento foi celebrado em o anno 493, e trinta annos depois a santa pediu e obteve a vingança pela qual havia sempre suspirado. (Historia de la chute de l'empire Romain, de Sismondi, t. 1.º pg. 267).»

A vingança foi a seguinte: Gondobaldo, tio de Clotildes e assassino de seus paes, falleceu em 516, deixando o throno á seu filho Sigismundo, que é o S. Sigismundo rei de Borgúndia venerado no calendario. Este nome santo apenas tornou-se notavel pelo convento de São Maurício, que elle edificou em Valbis, e pelas grandes riquezas concedidas aos frades, e ainda pelo assassinato de seu proprio filho Sigirico, no qual suspeitou trahição. Santa Clotildes, que depois do fallecimento de seu marido Clovis se havia retirado do mundo para consagrar-se inteiramente á religião, veio a Paris, sete annos depois da morte de seu tio Gondobaldo, e dirigio á seus tres filhos Gondoberto, Childeberto e Clothario estas palavras, referidas por S. Gregorio de Tours: «Meos caros filhos, fazei com que eu não tenha do que arrepende-me da ternura com que vos eduquei; senti com indignação a injuria que recebi ha trinta annos, e vingai com constancia a morte de meu pai e de minha mãe.»

De facto os tres irmãos alçaram o venerando S. Sigismundo, fizeram-no prisioneiro, e o lançaram em um poço, perto de Orléans, juntamente com a mulher e dois filhos.

Eis um exemplo d'uma santa do calendario christão assassinando um santo da mesma santissima doutrina.

Eis a quem o egoismo christão commemora de preferencia aos que consagraram a vida em proveito do proximo.

Socrates, Platão, Aristides, alguma vez praticarão semelhantes actos? — no entanto á estes varões illustres foi negada a entrada no reino dos céus, somente por terem vindo no mundo muito antes do Evangelho; no passo que assassinas como Santa Clotildes, S. Sigismundo e tantos outros, na terra fazem attizes, no céu gloria eterna!

Que moral e que logica! Foi assim que pensaram Christo, São Paulo, São João e outros?

O catholicismo Romano, despresando o passado glorioso da humanidade, vive ambicionando um céu desconhecido, lugar de sonhos vãos, menos comprehen-

sivel que o paraiso de Mahomet, e só igual a estase da libidinagem ditada por mente enferma; por isso vive concentrado no circulo estreito de aspirações mysticas, e servindo de obstáculo a civilização moderna por essa illusão do espirito.

Compadre Mathews.

O Sr. D. Antonio teve meda.

Quando uma autoridade constituída não pauta as suas decisões pela craveira da justiça e imparcialidade, adquire incontestavel direito á censura, e acaba por perder de todo o prestigio, que a posição lhe confere.

Surgio-nos estas reflexões, a leitura comparada dos ultimos despachos do sr. Bispo, com relação ás nossas festividades religiosas, despachos, cuja palpitante incoherencia, é tão conhecida do respectivo publico maramense.

Rebentando causa moçoá ver-se uma autoridade, tão altamente collocada, progredir, por suas proprias mãos, o completo aniquilamento da sua força moral!!!!!!

Não declamamos. — Em tres casos inequivocamente ignora deo s. exc. despachos diametralmente oppostos!!!!

— Insuper a festa de Santa Antonia para não destruir os estudantes, d'aquelle seminário, do seo engano d'outra lado e cego!!!!

— Prohibio a de Santa Filomena — que não obstante foi feita com desusado esplendor — para evitar escandalos publicos!!!!

— E agora consente que a dos Remedios seja feita com a pompa dos annos anteriores, e já não teme os tão famigerados escandalos!!!!

— Será Nossa Senhora dos Remedios de maior categoria, que Santa Filomena!!!!

Terá tambem vindo d'encomenda o povo que vai frequentar o arraial do Largo dos Remedios!!!!

Será o commendador Joaquim Marques mais liberal em almocors, do que o commendador Macedo!!!!

Contará s. exc. com a sua presença e illustre palavra para conter este povo selvagem!!!!

Não. Nada disto é exacto, são tudo miras conjecturas.

O novel, que determinou s. exc. a consentir á aquella festa, foi coisa muito mais insignificante e muito mais chatia!!!!!!

Foi pura e simplesmente o medo!!!!!! S. exc. rev.ªª teve muito d'este hum e parato povo maramense, que não é capaz de pegar um gato pela candeia!!!!

mas que no entretanto faz festas, quando muito bem lhe parece.

Porem antes assim, porque, sem barulho e sem contendas, vamos ler grande festa, com muzica, foguetes, balão, PAU DE SEBO, fogo de corda e de castelo, alem do mais que em tais casos se costuma fazer; e tudo isto só porque s. exc. rev.ªª teve medo!!!!!!

Orá quem havia de pensar que o sr. Medo nos propozitronaria nomes de tanta poesia!!!!

E digam lá que é mentira aquella antiga rifa.

João das Neves.

ECHOS DA RUA.

Os honras da Cecilia-o-cão, para fugir ao respectivo porte, mandavam para o interior sob a rubrica — Servico Publico — o seu inoffensiva jornal!!!!!!

Descobriera a nitro, fe-lhes cortada a mamelloira.

— Nossos pezamos por tão infanso acontecimento.

CLUB ANTI-PANATICO.

Sob este titulo vai brevemente instalar-se, nesta Capital, uma sociedade, cujo unico fim é combater as perigosas doutrinas do Coração. Só poderão ser socios homens solteiros, que prestem o solemne

juramento de não despozar moças, que pertencem ou tambem pertencido ao tal Coração.

— Já estão inscriptos 185 distinctos cavalheiros.

O alferes Mesquita — com quem tanto sympathizamos — move guerra ao Pensador e traz a Cecilia-o-cão na coça do chapéu!!!

— Ah ingrato, tomara que te embaulhes outra vez na Durindana.

Quem será uma viuzinha, chochinha, boixinha, anarellinha, vestidinha de prelinho, que anda pedindo assignaturas para a Cecilia-o-cão????

— Mystérios da Bousera.

No dia 10 do corrente o Vigario de Pirocua juntou com D. Gêrba, a convite de Fei Murgivo.

— Coincidencias. aquelle Peco já foi theatro das façanhas gastronomicas do grande Tavoça.

A Presbiterio e outras pedibectas do Coração, depois da emissão, que acaba sempre ás 11 horas da noite, bõão café na sarbatina!!!!

— Não jogarão tambem a bisca?

Enão D. Thereza já sahio do Coração?

Não posso, estou preza. Os nossos nomes já estão em mão do Papa, assim nos disse D. Gêrba.

— Cidadinhas como são illudidas!!!!

O vapor «Carolina» trouxe recambidos 38 numeros da Cecilia-o-cão.

— Um hurraai aos Cavenses.

O Revd. Padre Ozorio continua a receber papinhas da discipula de cathecismo!!!!!!

— Padre! Padre. vé lá o que fazes.

Frii Murgivo — o amunio — recebeu da Villa do Pago, onde tem agora os seus cuidados, um minazo cunchinha.

— Seria epigramma?

O virtuoso D. Gêrba anda vestido de honra lá p'ras bandas da Fundação!!!!

— Toma cuidado compadre. o Sacristão pôde resuscitar.

O Vigario do Pirocua, por occasião de ter uma vertigem na Repartição, deixou escapar do peito da camisa — pendente de açedo corião de seda — o seguinte rebecorio

Uns bentinhos do) contra indigestões.
Carmo.
Um S. Braz. engasgado's.
Uma fava de São) o fastio!!!
Thoué.
Uma fiza prefa. o quebranto.
Um virlinho d'a) os callos.
gua de Lourdes)
— Coitadinho. alem de tudo é supersticioso!!!

O Club do Coração, onde só entravam meninas e senhoras de familia, já dá ingresso franco ás fuscas Mioplaenus do vilinha orada!!!!!!

Santa moralidade!!!

Na noite de 23 do corrente, D. Gêrba foi visitado por 4 senhoras, que foram sentimental-o pelo nascimento do Pensador.

— Inclamos nessas condolancias as das Exmas.

Diz a Ceciliação, na sua ultima — Beata dos juvenes — que ha padras fogos deste nome!!! Logo ha os tambem bobigos, e por isso rogamos a santissima collegio o favor de publicar os nomes d'estes cujos, para verificarmos se assignarão tambem o celebre manifesto.

— Coitados, não tiveram coragem de completar o fraternal pensamento.

A santa finta do Coração abriu fital no Codo!!! Adens patos e gallinhas coelenses.

— Tartufos, pescão em toda a parte!!!

